

UnB aos 30 anos não é nem sombra do que queria ser

Cristina Paranaguá — 3/4/83

Dilmar Cavalher — 19/2/86

Francisco Gonçalves

BRASÍLIA — Criada numa época em que o país podia se gabar de altas taxas de crescimento e da construção da nova capital, a Universidade de Brasília (UnB) completou 30 anos no dia 15 passado lembrando muito pouco o que era previsto quando de sua concepção. Com o calendário desorganizado e seis semestres letivos encavalados por uma sequência quase ininterrupta de greves, a UnB idealizada pelos educadores Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro é hoje uma mistura de algumas descobertas científicas, poucos laboratórios de ponta, equipamentos defasados e 130 professores aposentados para fugir dos baixos salários.

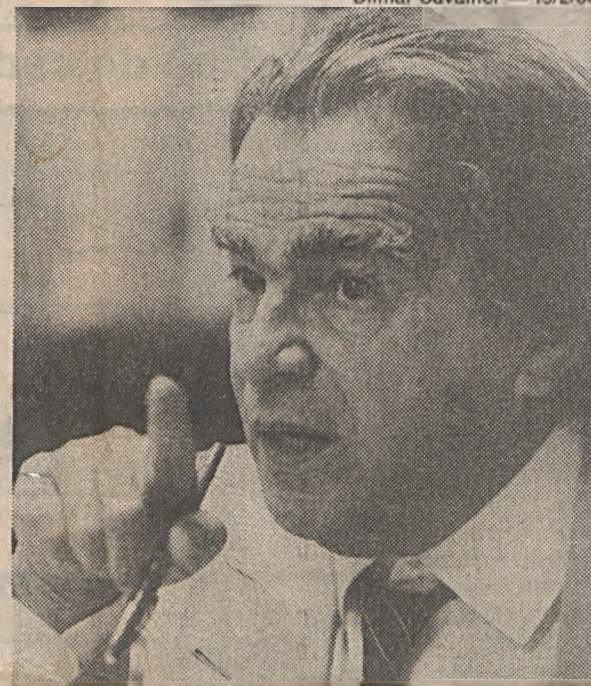
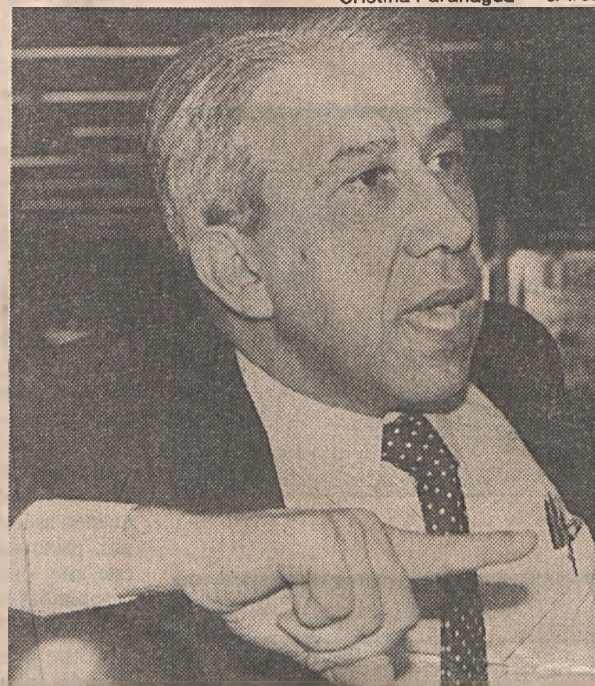
Nos mesmos corredores por onde nos anos dourados passaram estudantes e professores ilustres como o arquiteto Oscar Niemeyer, os cineastas Tisuka Yamazaki e Nelson Pereira dos Santos, o poeta Décio Pignatari, o ex-prefeito do Rio de Janeiro Saturnino Braga e até o presidente Fernando Collor, circulam hoje 10 mil alunos. Em 1965, perdeu o que de melhor havia no quadro de professores por um pedido de demissão em massa de cerca de 200 docentes. Três anos depois foi invadida pela Polícia Militar e ao longo de todo esse tempo amargou quase sempre uma crise financeira incompatível com seu grande patrimônio imobiliário.

Dotada desde a criação de lotes para construção de blocos residenciais em 12 superquadras, a UnB só agora poderá alcançar "o máximo de autonomia financeira" prevista na lei de 15 de dezembro de 1961 que a instituiu. O atual reitor, o engenheiro mecânico espanhol naturalizado brasileiro Antônio Ibañez, prevê que a partir de janeiro começarão a entrar nos cofres da instituição US\$ 300 mil oriundos de permutas de patrimônio imobilizado por salas comerciais para aluguel. Nos próximos dez anos, a universidade deverá alienar sob sistema de permuta 70% das suas 75 projeções que equivalem a construção de 4.800 apartamentos.

Permutas — "Apesar de hoje ninguém ter motivo para comemorar nada, temos mais razões para festejar com alegria do que com tristeza os 30 anos da UnB", destacou o reitor. Orgulhoso com as permutas, apesar das críticas de que a UnB está dilapidando seu patrimônio, Ibañez afirmou que a universidade contará com os recursos próprios três vezes maiores do que os repassados pela União para despesas de custeio. "Depois enfrentar momentos difíceis durante o período de ditadura, conseguimos encontrar um caminho para aproveitar nosso patrimônio e nosso potencial científico", acrescentou. Na UnB desde 1967, o reitor reconhece que o número de laboratórios com equipamentos defasados é superior aos considerados de ponta.

"A universidade teve todas condições de possuir o melhor ensino, mas a esquerda burra transformou o centro de educação e pesquisa em um centro de protestos", lamentou o ex-reitor José Carlos de Almeida Azevedo, que dirigiu a UnB de 75 a 85. Capitão de mar-e-guerra, Azevedo afirmou que o "assembleísmo" e falta de seriedade das administrações transfiguraram a UnB. Transformado em símbolo da ditadura e amaldiçoado pela maioria dos estudantes, Azevedo culpou também o Conselho Federal de Educação pelo desastre do ensino superior.

"Apesar desse reitor preposto dos militares, a UnB teve seus heróis nesses 30 anos", rebateu o atual Decano de Extensão da universidade, arquiteto e fotógrafo Luis Humberto Martins. Um dos 163 professores que se afastou em solidariedade a colegas demitidos em 1965, Luis Humberto ressalta que o projeto original foi perdido porque não chegou a ser implantado. "A UnB é uma instituição sofrida", frisou decano.



José Carlos Azevedo (E) e Darcy: reitor mais polêmico e o primeiro reitor

Darcy Ribeiro ainda acha ideal possível

Eliane Bardanachvili

"Somos todos viúvos da Universidade de Brasília", resume o professor Darcy Ribeiro, fundador da universidade balzaquiana e seu primeiro reitor. Para Darcy Ribeiro, a UnB ainda é um ideal de todos os que participaram de sua criação. "Precisávamos de uma universidade-semente, capaz de fazer florescer o desenvolvimento científico no país. E a capital da República ainda precisa dessa universidade de alto padrão", diz.

A trajetória rumo a esse objetivo foi interrompida pelo movimento militar de 1964, que "sangrou o país inteiro e sangrou de morte a UnB". Darcy se refere à demissão de mais de 200 professores, em 1965. "O pessoal foi substituído pela prata da casa que de prata não tinha nada. Com isso, a universidade foi se degradando, entrou num declínio tremendo", diz Darcy. "Quebrou-se assim o projeto mais maduro, mais belo, de dar ao Brasil o poder do saber científico".

Darcy afirma que a UnB foi construída para ser uma das melhores do mundo. "O Instituto de Matemática foi concebido para que em dez anos tivesse um doutorado da mesma qualidade do de Cambridge, e ter uma moeda acadêmica do mais alto padrão", conta. "Se a ditadura tivesse algum juízo, não teria acabado com isso", lamenta Darcy, enquanto se recorda de muitos episódios que marcaram a criação da UnB, fruto de persistência, obstinação e malabarismos.

ção da UnB, fruto de persistência, obstinação e malabarismos.

Jesuítas — Um exemplo é o drible que Darcy Ribeiro deu nos jesuítas que estavam convencendo o presidente Juscelino Kubitschek a criar em Brasília uma universidade católica. "Fiz uma aliança com os dominicanos, que são rivais dos jesuítas, e consegui através deles levar uma mensagem ao papa João XXIII, mostrando que o Brasil tinha oito universidades católicas e nenhuma com um Instituto de Teologia. E que eu me propunha a criar este instituto na UnB. O papa acabou desistindo da universidade jesuítica", conta Darcy, nomeado por Juscelino para presidir uma comissão que projetaria a UnB e receberia sugestões até de cientistas internacionais, como o criador da bomba atômica.

Ele se recorda também da aprovação da criação da UnB na Câmara, no dia da carta-renúncia do presidente Jânio Quadros. "Os deputados estavam perplexos diante da carta de Jânio e haviam decidido que não caberia julgar a renúncia, mas aceitá-la. Só que todos temiam encerrar as atividades do Congresso naquele dia e não abrir mais, porque os militares poderiam tomar conta. Então propus que se votasse o projeto da criação da universidade, mantendo assim o Congresso em funcionamento. Primeiro me acharam louco, mas depois todos perceberam que

eu estava certo. E assim aprovamos a universidade", recorda.

Apesar das péssimas lembranças do tempo em que a UnB esteve sob o controle dos militares, Darcy Ribeiro não se altera ao falar dos reitores que estiveram à frente da universidade no período. "Aquele capitão de mar-e-guerra tinha como princípio justamente o oposto do que queríamos para a universidade. Enquanto para nós a ordem era ninguém jamais ser punido ou premiado por suas idéias, para ele, era o contrário", diz Darcy, referindo-se ao capitão José Carlos de Almeida Azevedo, reitor da UnB por 12 anos. "Tinha também um bêbado de São Paulo, o Laerte de Carvalho. Foi o que mais danos fez. A saída em massa dos professores foi no tempo dele", diz o professor sobre o segundo reitor da UnB em 1964.

Darcy Ribeiro considera que a universidade que criou está, hoje, no caminho errado. "Ela não pode ser uma universidade cuja finalidade é dar curso noturno para formar contador", contesta. "Tem que criar cursos de alto nível, mestrados e doutorados com professores estrangeiros, dar prioridade a isso na hora de gastar seus recursos", propõe. "Nesse momento, há professores estrangeiros disponíveis na Rússia, em outros estados soviéticos e em Cuba. Por que não importar uns 200?", sugere.

Norte Fluminense repete experiência

É mais fácil criar uma universidade nova do que melhorar uma que já existe. Partindo do mesmo princípio com que ergueu a Universidade de Brasília, Darcy Ribeiro fará sua segunda investida em busca de dar ao país uma universidade-modelo, desta vez em Campos, no norte do Estado do Rio — a Universidade do Norte Fluminense — que será inaugurada amanhã, com solenidade no Palácio Guanabara. Darcy Ribeiro percorrerá trajetória parecida com a que estabeleceu para a conturbada UnB.

Muitos dos nomes que estiveram nas raízes da instituição brasileira voltam à cena agora, como Oscar Niemeyer e Roberto Salmeron. Além disso, a nova universidade terá como criadores a secretária de Educação, Maria Yedda Linhares, que ficará responsável pelo Departamento de Pedagogia, e João Filgueiras Lima, o *Lelé*, criador da argamassa armada com que são construídos os Ciacs, que organizará um laboratório para estudar as potencialidades deste material. Mas o carro-chefe da universidade devem ser as pesquisas em torno do petróleo.

"De Macaé a Campos, se produzem mais de 60% do petróleo brasileiro. O pessoal que trabalha com isso se forma na Bahia, porque foi lá que se começou a explorar petróleo. A parte de robótica, que também é fundamental para a Petrobrás, fica aqui no Rio, na UFRJ. É evidente que é preciso levar para Campos as condições de formar pessoal", analisa Darcy Ribeiro, que pretende atingir seu objetivo com a colaboração da Petrobrás. "Precisamos formar engenheiros de petróleo, engenheiros de gás", promete.

Como planejou para a UnB, Darcy Ribeiro pretende atrair para Campos jovens graduados para fazerem mestrado e doutorado, orientados pelas universidades de onde vieram e por cientistas de alto nível que virão de outros estados e países. Esses jovens serão os professores dos primeiros períodos. "Ainda não há capacidade prevista para a universidade. O importante é ter laboratórios que atraiam os jovens", diz Darcy, que mandou emissários apaisados como Rússia, Estados Unidos e Cuba em busca de cientistas interessados em vir para Campos.

Planos — Com a criação respaldada pela Constituição estadual, a Universidade do Norte Fluminense tem apenas o prédio da prefeitura, oferecido pelo prefeito de Campos, Anthony Garotinho — onde funcionarão a reitoria e o Instituto de Letras e Artes — e planos grandiosos.

Já foram idealizados por Darcy Ribeiro um laboratório de Física de Novos Materiais, e um núcleo de Química Ecológica. "A Ecologia é uma linguagem intermolecular através da qual os seres vivos por co-existirem influenciam uns aos outros. Essa linguagem é química e estudá-la é entrar no discurso científico do mundo", afirma Darcy Ribeiro. A nova universidade ganhará também um laboratório de Geociências, organizado por Carlos Dias, que esteve à frente do sistema de Geologia da Petrobrás, na Bahia, e dois grandes laboratórios de Biotecnologia e Biologia Molecular. Para a construção dos laboratórios está reservada, segundo Darcy, a faixa de terra que beira o rio Paraíba do Sul. "Ainda estamos estudando com a prefeitura de que forma esta área passará a pertencer à universidade", diz.

Nas áreas Humanas, os planos se voltam para um curso de Gestão em Administração e para um Centro de Memória Nacional, onde, promete Darcy, será possível encontrar dados numéricos sobre o Brasil desde o século passado. "Se cumpre o meu projeto, a Universidade de Campos pretende ser uma universidade do terceiro milênio", almeja, comparando seu projeto com o da Unicamp. A teoria deve começar a virar prática já em 1992, quando devem entrar em funcionamento os primeiros cursos. "Os núcleos de tudo isso estarão lá", garante. (E.B.)